

COOPERATIVAS AGRÍCOLAS NOS ASSENTAMENTOS RURAIS: O CASO DO MUNICÍPIO DE NOVA ANDRADINA/MS

AGRICULTURAL COOPERATIVES IN RURAL SETTLEMENTS: THE CASE OF THE MUNICIPALITY OF NOVA ANDRADINA/MS

COOPERATIVAS AGRÍCOLAS EN LOS ASENTAMIENTOS RURALES: EL CASO DEL MUNICIPIO DE NUEVA ANDRADINA/MS

Fabiano Greter Moreira¹

RESUMO: Os processos organizacionais coletivos nos assentamentos rurais, no caso, assentamentos do município de Nova Andradina/MS, conduzem a formas de cooperação entre os assentados com o objetivo de fortalecê-los socioeconomicamente. Destaca-se dentre os processos organizativos coletivos nos assentamentos do município de Nova Andradina a cooperativa agrícola, COOPAOLGA (Cooperativa de Produção dos Agricultores Familiares do Assentamento Santa Olga). Para a realização desse trabalho foi feita uma pesquisa qualitativa utilizando-se de informações obtidas através de entrevistas semiestruturadas com os assentados. Dentre os principais resultados da pesquisa, ressaltamos a possibilidade de geração de renda que a cooperativa pode gerar aos assentados, por meio de acesso aos mercados institucionais a partir de programas de venda de alimentos, com destaque para o PNAE (Programa Nacional da Alimentação Escolar), que contribui para a permanência dos assentados na terra. A cooperação nos assentamentos busca unir os assentados, afim de proporcionar melhores condições de produção e de vida em seus lotes.

PALAVRAS-CHAVE: Assentados; Lotes; Processos; Relações de Produção; Sistemas Cooperativistas.

ABSTRACT: The collective organizational processes in the rural settlements, in this case, settlements of the municipality of Nova Andradina/MS, lead to forms of cooperation among the settlers with the objective of strengthening them socioeconomically. Among the collective organizing processes in the settlements of the municipality of Nova Andradina stands out the agricultural cooperative, COOPAOLGA (Cooperativa de Producción del Agricultorarios de la Residencia Santa Olga). For the accomplishment of this work a qualitative research was made using information obtained through semi-structured interviews with the settlers. Among the main results of the research, we highlight the possibility of generating income that the cooperative can generate for the settlers, through access to institutional markets through food sales programs, with emphasis on the PNAE (National School Feeding Program), which

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/CPNA. E-mail: fabiano.greter@ufms.br

contributes to the permanence of the settlers on the land. Cooperation in the settlements seeks to unite the settlers, in order to provide better conditions of production and life in their lots.

KEYWORDS: Seated; Lots; Processes; Production Relations; Cooperative Systems.

RESUMEN: Los procesos organizacionales colectivos en los asentamientos rurales, en el caso, asentamientos del municipio de Nova Andradina/MS, conduce a formas de cooperación entre los asentados con el objetivo de fortalecerlos socioeconómicamente. Se destaca entre los procesos organizativos colectivos en los asentamientos del municipio de Nova Andradina la cooperativa agrícola, COOPAOLGA (Cooperativa de Producción de los Agricultores Familiares del Asentamiento Santa Olga). Para la realización de ese trabajo se realizó una investigación cualitativa utilizando informaciones obtenidas a través de entrevistas semiestructuradas con los asentados. Entre los principales resultados de la investigación, resaltamos la posibilidad de generación de ingresos que la cooperativa puede generar a los asentados, por medio de acceso a los mercados institucionales a partir de programas de venta de alimentos, con destaque para el PNAE (Programa Nacional de la Alimentación Escolar) que contribuye a la permanencia de los asentados en la tierra. La cooperación en los asentamientos busca unir los asentados, a fin de proporcionar mejores condiciones de producción y de vida en sus lotes.

PALABRAS CLAVE: Asentados; Lotes; Procesos; Relaciones de Producción; Sistemas Cooperativistas.

INTRODUÇÃO

A permanência dos assentados em seus respectivos lotes requer uma luta diária feita nos assentamentos rurais. As cooperativas e associações instaladas nos assentamentos buscam proporcionar aos assentados melhores condições de comercialização da produção, aquisição de insumos, disponibilidade de equipamentos agrícolas para o uso nos lotes, bem como, unir as forças para realizar conquistas diversas como políticas públicas, por exemplo. Assim, a cooperação nos assentamentos rurais é uma luta constante e envolve, inclusive, conflitos internos em vista de características de sociabilidade dos assentados que possuem compreensões diversas sobre organização produtiva, o que poderá se desdobrar no êxito ou fracasso das cooperativas.

Nesse sentido, o artigo aborda a cooperação nos assentamentos rurais do município de Nova Andradina/MS, suas relações e a relevância socioeconômica do cooperativismo. O município possui quatro Projetos de Assentamentos Rurais criados pelo Governo Federal (Teijin, Casa Verde, São João e Santa Olga). No assentamento Santa Olga existe uma cooperativa, a COOPAOLGA (Cooperativa de Produção dos Agricultores Familiares do Assentamento Santa Olga), sendo que nos demais assentamentos existem associações de assentados.

O assentamento São João foi criado através da desapropriação da Fazenda São João, em 23 de abril de 2004, com área territorial de 4.011,9000 ha, com capacidade de 180 lotes. O assentamento Teijin foi criado após a desapropriação da Fazenda Teijin, em 26 de julho de 2002, com área territorial de 28.497,8194 ha, com capacidade de 1.094 lotes. O assentamento São João é proveniente da desapropriação da Fazenda Santa Olga, realizada em 28 de junho de 2004, com área territorial de 1.492,5021 ha, com capacidade de 170 lotes. O assentamento Casa Verde foi criado pela desapropriação da Fazenda Santa Virgínia, ocorrida em 22 de dezembro de 1987 com área territorial de 29.859,9889 ha e formado por 471 lotes (INCRA, 2018).

O método utilizado no presente estudo ampara-se em uma pesquisa qualitativa, a partir da necessidade de conhecer através de observação, reflexão e análise da realidade do fenômeno social, para compreendê-lo nos processos contextuais, segundo Triviños (1987). Estas percepções e a realidade do fenômeno social são nosso trunfo para contextualizar a territorialização dos assentados e os assentamentos rurais do município de Nova Andradina/MS. Minayo (2002) descreve o trabalho de campo como um recorte baseado na construção teórica de uma determinada fração de momento, realizada por meio de entrevistas, observações, levantamentos de material documental e bibliográfico, que buscam aspirar às experiências e vivências dos fenômenos nos participantes da pesquisa.

A coleta de informações no estudo de campo foi realizada a partir de entrevistas semiestruturadas junto aos participantes pré-estabelecidos na pesquisa. Optou-se por entrevistas semiestruturadas no trabalho, seguindo, ainda, percursos metodológicos descritos por Poupart (2014, p. 212), que trata a entrevista como de ordem ética e política, porque abre “possibilidades de compreender e conhecer internamente os

dilemas e questões enfrentadas pelos atores sociais”, instrumento privilegiado de acesso às experiências dos atores como ferramenta de informação na pesquisa qualitativa, neste caso, assentados dos assentamentos rurais do município de Nova Andradina/MS.

Outra visão metodológica de entrevistas é de Triviños (1987, p. 120), que ressalta que este método “valoriza a presença dos investigados, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessária, enriquecendo a investigação” diante do meio vivido por ele e sua família, permitindo atingir e vislumbrar amplamente as inquisições da pesquisa.

As entrevistas buscaram participantes que possuíam representatividade no tema pesquisado, com auxílio de uma lista de entrevistados em potencial e, também, seguindo as orientações de Alberti (2005), participantes nos quais tínhamos alguma facilidade de acesso, uma proximidade de contato pessoal, que, a partir desta relação estabelecida, permitiria novos contatos com outros participantes. Para tanto, padronizamos a identificação de nossos participantes, da seguinte maneira: Assentamento Casa Verde (CV4) e Assentamento Santa Olga (SO1, SO2). Os demais participantes da pesquisa foram identificados com apenas as letras iniciais de seus nomes.

PERSPECTIVAS DO COOPERATIVISMO AGRÍCOLA NOS ASSENTAMENTOS RURAIS

Os projetos de assentamentos rurais adotam sistemas cooperativistas distintos e não estão unificados em torno da Organização das Cooperativas do Brasil (OCB). Na década de 1990 foi criada pelos assentados vinculados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil (CONCRAB), com o objetivo de reunir as cooperativas de agricultores assentados da reforma agrária no Brasil. O cooperativismo adotado pelo MST objetiva assegurar a redução da miséria e o fortalecimento do poder político organizacional das comunidades rurais dos assentamentos. Por isso, foi organizado o Sistema Cooperativista dos Assentados (SCA).

O SCA é responsável pela organização de base dos assentados, pela organização da produção, da tecnologia, da transformação ou agroindústria, pela boa aplicação do crédito rural, pela comercialização e, também, pela mobilização social dos assentados frente à política agrícola do governo, a política econômica e pelas condições básicas dos assentamentos (CONCRAB, 1997, p. 09).

A proposta de cooperação agrícola (CA), adotada pelo MST, buscou uniformizar nos assentamentos rurais o cooperativismo, estabelecido em uma proposta de organização dos assentados, somado aos fatores econômicos e o fortalecimento desta coletiva em seus lotes. A CONCRAB ao estabelecer a cooperação nos assentamentos rurais permitiu ao MST implantar o projeto aos assentamentos rurais no país, por meio das Cooperativas de Produção Agropecuárias (CPAs), integrando as diversas formas de cooperação nos assentamentos, bem como, o poder coletivo dos assentados e sua força no processo produtivo e de vida no campo (MST, 2017). Nessa proposta de cooperação procurou-se evitar o que ocorre com as cooperativas tradicionais, ou seja, a subordinação à produção capitalista e as tensões entre os dirigentes e os pequenos produtores.

Segundo o MST “quando falamos das Cooperativas de Comercialização e Produção que estão sendo criadas nos assentamentos, estamos pensando num tipo de empresa social que seja uma ferramenta a mais na luta por uma sociedade justa” (MST, 1993b, p. 33).

O Caderno de Formação nº 20 do MST (1993) apresenta diferenças entre cooperativas tradicionais e cooperativas dos assentados. Dentre as diferenças, pode-se destacar o poder de decisão que está sob o controle dos assentados e não uma minoria que tem o controle da cooperativa, no caso das tradicionais. Outro ponto de destaque é a composição das cooperativas dos assentamentos, pois é formada pelos próprios assentados, enquanto as cooperativas tradicionais são formadas por pequenos e grandes proprietários e empresários rurais. Outro relevante aspecto ainda é o resultado final da cooperativa dos assentados, que visa um desenvolvimento rural que atenda as famílias, pois as cooperativas tradicionais mantêm a tendência de concentração da renda e da propriedade, estimulando a não permanência do homem no campo.

Para Fernandes (2000) o Sistema Cooperativista dos Assentados (SCA) está pautado na perspectiva de luta e resistência camponesa, pois esse Sistema envolve a educação, saúde, organização e produção nos assentamentos rurais e não está somente a lógica econômica, como as cooperativas tradicionais.

O SCA é um setor do MST e tem na cooperação agrícola a perspectiva do desenvolvimento econômico dos assentados, garantindo a organicidade do Movimento. É uma forma de expandir a organização nos assentamentos, contribuindo com a territorialização da luta pela terra e intensificando a participação em outras lutas da classe trabalhadora no campo e na cidade. O SCA foi construído a partir da lógica da resistência camponesa que está representada pelos princípios e na estrutura organizativa do MST. Dessa forma, procura desenvolver a agricultura camponesa em que a resistência contra a exploração, a expropriação e a luta contínua pela terra não estejam separadas (FERNANDES, 2000, p. 228).

Fabrini e Roos (2014) expressam que o Sistema Cooperativista dos Assentados (SCA) foi iniciado na década de 1980 pelo MST com o objetivo de viabilizar econômica e politicamente os assentamentos a partir de uma perspectiva de luta pela permanência na terra. Esta cooperação deveria atender os interesses internos e externos dos assentamentos, formadas a partir das Unidades Cooperativas, as Centrais Estaduais de Cooperativas de Reforma Agrária (CCAs) e a Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil (CONCRAB). Para Kautsky (1972, p. 167) “A cooperação é um meio que os camponeses encontraram para reunir forças para atuar coletivamente porque isolados não alcançam benefícios”, buscando apropriar-se das vantagens que as grandes propriedades são beneficiadas, sem perder suas raízes camponesas.

Segundo Lacerda e Malagodi (2007) a organização dos assentamentos rurais em torno de suas cooperativas é apontada como alternativa de viabilização e sobrevivência dos assentados em seus lotes, fortalecendo seu modo de vida camponês e contribuindo em sua permanência na terra. Esta alternativa cria novas oportunidades potenciais ao desenvolvimento dos assentados, através de melhores condições de renda, porém, as relações que cada assentado possui ao longo de sua história, suas raízes e objetivos, serão decisivas na cooperação.

As cooperativas agrícolas seriam uma alternativa capaz de gerar renda e organizar a capacidade produtiva dos assentados em seus lotes, por meio da união em torno da produção, fortalecendo os assentados e permitindo maior poder de barganha com os intermediários ou mesmo o consumidor final, como é o caso dos programas sociais PNAE e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) vinculados ao Ministério do Desenvolvimento Social (MDS).

Para o MST “as cooperativas coletivas são consideradas uma forma superior de organização para viabilizar um desenvolvimento territorial dos assentamentos”, e ainda, “está sustentado nas modernas relações de produção para construir um território favorável ao processo revolucionário”, que permitem aos assentados melhores condições de luta na organização nos assentamentos (FABRINI, 2002, p. 76).

Várias são as formas de cooperativismo nos assentamentos rurais e, segundo Carvalho (1998), no âmbito dos processos de reforma agrária, é um agregado heterogêneo de grupos sociais constituídos por famílias de trabalhadores rurais em que predomina o comportamento individualista com relação à gestão do assentamento, a forma de apropriação da terra e ao processo produtivo mais amplo. O cooperativismo rural reúne produtores rurais, com o objetivo de vincular vários fatores de produção/relação, como: a aquisição comum de insumos; a venda em comum da produção dos cooperados; a prestação de assistência técnica; armazenagem; industrialização; entre outros, que contribuem para a melhoria da distribuição de renda e a permanência do homem no campo. O autor descreve que a cooperação nos assentamentos busca condições além do aspecto econômico, entretanto, com ressalvas ao cooperativismo:

A cooperação desenvolvida nos assentamentos de reforma agrária teve como propósito não apenas viabilizar economicamente a pequena produção rural familiar, mas, sobretudo, construir um homem novo eivado de valores éticos sociais que reafirmassem a solidariedade e a convivência social democrática. Entretanto, talvez a partir de um desvio economicista, o cooperativismo (principal produto da cooperação) pode ter contribuído para gerar um produtor com aspirações pequeno burguesas de acumulações a partir de uma suposta inserção no mercado capitalista oligopolizado de produtos agropecuários (CARVALHO, 2000, p. 05).

O acesso aos créditos e a precificação de produtos estão quase que exclusivamente, voltados à agricultura comercial no país, porém, Schneider (1981, p. 23) faz um alerta sobre os incentivos governamentais destinados aos assentados, que atingem produtores de alimentos, fazendo com que “o cooperativismo incide apenas marginalmente nos subsetores voltados para a produção de alimentos básicos, setores estes geralmente preteridos e marginalizados pelas políticas de preços”, bem abaixo comparado aos planos safra do agronegócio.

Embora os incentivos para a cooperação dos assentados sejam insuficientes ao atendimento às famílias assentadas, a luta e resistência pela terra é um dos fundamentos principais para a organização cooperativa pelos camponeses nos assentamentos rurais. Além disso, a cooperativa pode apresentar condições de diversificação da produção e possibilidades melhores de comercialização dos produtos, integrando as pessoas e fortalecendo os camponeses, rompendo o isolamento e desenvolvendo a consciência política e de resistência na terra, com a participação social dos assentados.

Além das relações externas aos assentamentos, os assentados possuem suas relações internas resultantes de suas trajetórias de vida, que segundo Carneiro (1998, p. 204) ocorre entre os camponeses em razão da “radicalização da expansão do capitalismo sobre o campo”, que gerou novos modelos de relações de trabalho no seio da produção camponesa, “contribuindo, desta forma, para acelerar o processo de individualização no interior da família”. Modo de relação que implica diretamente nas futuras gerações no campo, que provocam rupturas nos modos de vida dos assentados, bem como, a sua permanência ou não nos lotes de assentamentos.

No sentido de compreender os processos das relações sociais dentro dos assentamentos, Kautsky (1972, p. 175), relata que o “camponês naturalmente predisposto à confiança, desconfiaria particularmente da sociedade”, levando-se em consideração as condições de vida e trabalho de suas relações sociais no campo. Esta reflexão permite admitir que, mesmo que a cooperação busque meios de unir os assentados ao mesmo objetivo ou propósitos similares de fortalecimento do homem no campo, mesmo assim, questões particulares e individuais são excludentes ao ponto que, o próprio assentado se isole do grupo coletivo do assentamento, como por exemplo, uma simples desavença com um dos diretores da cooperativa.

Rios (2006) coloca que o processo social de cooperação implica em uma convergência de interesses para consolidar-se no meio rural. Caso não ocorra esta convergência entre os atores sociais, dar-se-ão os conflitos, que podem transitar de maneira latente ou aberta, demonstrada de acordo com os confrontos em reuniões ou não participação dos mesmos no processo de cooperação. Para o autor o “cooperativismo é uma chave-mestra que abre todas as portas, solução para múltiplos problemas”, mas possuem fatores sociais que impedem a não concretização da coletividade (RIOS, 1987, p. 07).

Para Fabrini e Roos (2014) os problemas derivados do processo cooperativista nos assentamentos rurais passam por questões de ordem interna e externa às cooperativas: as questões internas iniciam pela relação entre os camponeses, que é uma das maiores dificuldades, devida sua relação de hierarquização com os demais membros da cooperativa, seguida pelos conflitos gerados na formação dos grupos e suas percepções de entendimento das decisões e o zelo pelo patrimônio coletivo; e, questões externas, que estão voltadas as condições macroestruturais, como as linhas de financiamentos, a assistência técnica rural permanente, o cenário político e econômico da região e o acesso a terra, bem como, sua regularização fundiária (títulos ou DAP), para acesso aos recursos e políticas públicas de comercialização.

Fabrini (2003) trata as ações de cooperação entre camponeses dos assentamentos rurais como atividades desenvolvidas a partir da descoberta dos espaços de socialização e revelações políticas, construídas por meio de uma nova compreensão do ordenamento da sociedade no campo. São ações cooperativas pelo olhar das relações sociais e não propriamente produtivas e, marcadas por um conteúdo de classe social, estabelecidas pela identidade política evidenciadas no processo de luta pela terra. A constituição de cooperativas nos assentamentos rurais visa contribuir de forma circular as relações sociais nos projetos de assentamentos. O autor destaca ainda que:

[...] a formação de cooperativas pelos assentados pode contribuir para a realização de atividades coletivas quando elas trazem no seu interior conotação política e ideológica de questionamento da ordem social e de superação das relações capitalistas (FABRINI, 2003, p. 67).

Rios (2006) apresenta duas naturezas na organização cooperativa de agricultura, colocada de um lado, como medida estruturante administrativamente, uma empresa, e por outro lado, a conotação social, não apenas econômica, mas uma formação ideológica, com valores sociais e culturais dos indivíduos. Antes de instituir uma cooperativa, já está presente a realidade social dos agricultores, que foram constituídas por suas heterogeneidades ao longo de suas vidas, diferenças estas que, devem ser mantidas, porém, podem ser reduzidas, para que ocorra a aproximação e integração com os demais envolvidos.

A COOPERAÇÃO NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE NOVA ANDRADINA/MS

A produção cooperativa não está presente em todos os assentamentos rurais do município de Nova Andradina. Somente o assentamento Santa Olga possui uma cooperativa de assentados funcionando, que agrega também assentados dos PAs Casa Verde, Teijin e do São Sebastião pertencente ao município de Ivinhema. As dificuldades enfrentadas pela COOPAOLGA, seja por questões de gestão como foi uma das causas da extinção da cooperativa do assentamento Casa Verde, compõem relações que permeiam a vida cotidiana dos assentados, como o individualismo da produção e a não confiança nas cooperativas, contribuindo a não participação/organização de cooperativas nos assentamentos. Os assentamentos Teijin, Casa Verde e São João não possuem cooperativas.

A cooperativa do assentamento Santa Olga, a COOPAOLGA está localizada no Núcleo Social do assentamento. Segundo o presidente a cooperativa foi fundada em 17 de novembro de 2009, com o objetivo de melhorar as condições de vida e comercialização da produção dos assentados, fortalecendo-os na permanência na terra (assentado SO1, entrevista realizada em 24/01/2018). Atualmente a cooperativa possui 60 associados, dos quais 52 são do assentamento Santa Olga, e os demais são dos assentamentos Casa Verde e Teijin e um assentado do assentamento São Sebastião de Ivinhema/MS. A cooperativa possui um secretário e uma funcionária que trabalham na pasteurização do leite e, demais produtos comercializados pela cooperativa, como hortaliças e leguminosas.

A comercialização da produção na COOPAOLGA é realizada em parte por meio do Programa Nacional da Alimentação Escolar (PNAE), e outros mecanismos de comercialização, como o fornecimento de alimentos a supermercados, indústrias (fecularias), etc. O presidente relatou que os assentados recebem assistência técnica rural e capacitação através do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), do SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) e de outros órgãos públicos que auxiliam na implantação de projetos, como é o caso da AGRAER (Agência de Desenvolvimento Econômico e Extensão Rural), quando solicitado. A Figura 1 apresenta instalações da COOPAOLGA.

Figura 1: Instalações da Usina de Beneficiamento de Leite da COOPAOLGA.



Foto: Dados da pesquisa (2018).

Nas instalações da COOPAOLGA é pasteurizado o leite e embalado os produtos como verduras, legumes, frutas, etc, que serão direcionados às escolas do município de Nova Andradina, através do PNAE. Estas atividades produtivas da

cooperativa do assentamento Santa Olga já fora constatada em estudos de Moreira (2014), onde a abstenção dos assentados na participação da cooperativa/associação é grande, em virtude das relações conflitantes com a diretoria e a desconfiança com os demais assentados. Porém, o objetivo de estabelecer a cooperação entre os assentados, buscando parcerias com fornecedores de suprimentos para a criação de gado, plantio de mandioca e leite, assistência técnica rural, entre outros, proporcionam maiores condições de desenvolvimento socioeconômico ao assentamento e aos assentados, contribuindo para a geração de renda e a permanência nos lotes.

O presidente da COOPAOLGA revela que:

Por enquanto nós estamos com a cooperativa pequena, não conseguimos expandir ainda, porque temos poucos associados. Entre os motivos de poucos associados na cooperativa, está a recusa dos assentados na participação na porcentagem mensal, descontado diretamente no pagamento do cooperado. Esta despesa é utilizada para manter os gastos da cooperativa, como por exemplo, o conserto do resfriador de leite e derivados, o salário da secretária, do funcionário responsável pela pasteurização do leite, o serviço de internet, combustível do veículo de entrega das mercadorias, etc. O assentado se recusa pagar sua participação na cooperativa, mas, querem entregar mercadoria sem pagar nada, desse jeito fica difícil trabalhar. Um dos maiores benefícios da cooperativa é vender as mercadorias ao Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, pois, sem a cooperativa não seria possível realizar a venda, que garante a comercialização de grande parte da produção dos assentados, senão, enfrentariam a disputa de concorrentes na venda de seus produtos no mercado local (assentado SO1, entrevista realizada dia 24/01/2018, assentamento Santa Olga – grifo nosso).

Ressalta-se que os assentamentos rurais do município que não possuem cooperativas em funcionamento, estão atendidos por associações de produtores, com o objetivo de fornecer equipamentos agrícolas para o manejo da produção e, com isso, melhorar as condições de vida dos assentados. Contudo, em todos os assentamentos, as associações funcionam com número reduzido de participação pelos assentados. O número reduzido de associados se dá com maior intensidade nos assentamentos São João e Casa Verde, que possuem tratores e equipamentos agrícolas, porém, a falta de assistência técnica rural e a não participação dos assentados, contribuem para a baixa adesão nas associações, segundo seu presidente.

A integração entre os assentados e o papel social na formação das organizações internas nos assentamentos do município de Nova Andradina, como as cooperativas, buscam permitir acesso a todos os envolvidos de cada assentamento. Os questionamentos dos assentados no sentido do entendimento da participação ou não, da instalação e funcionamento destas cooperativas se esbarram em várias situações conflitantes. Segundo o assentado CV4, o assentamento Casa Verde era constituído por uma cooperativa, mas, alguns fatores como mau gerenciamento e comunicação contribuíram para seu encerramento:

A falta de união; ingerência na administração; falta de recursos, mas, enquanto havia um grande número de assentados (o que ocorreu no início do Assentamento) associados, seguia bem a cooperativa, mas, a partir do momento que os assentados começaram a adquirir mais recursos e serem independentes em seus lotes, a cooperativa começou a ficar em segundo plano ou simplesmente abandonaram. Os associados se aproximam quando precisam, quando conseguem o que querem, abandonam, restando apenas o fim, seja para a cooperativa ou para a associação (assentado CV4, entrevista realizada no dia 16/10/2017, assentamento Casa Verde – grifo nosso).

O que chama atenção no depoimento do assentado CV4 que fez parte da cooperativa do assentamento Casa Verde, que atualmente participa como sócio de uma cooperativa no município de Nova Andradina (Cooperativa Agroindustrial do Vale do Ivinhema Ltda - Coopavil), onde até participou como membro da diretoria desta cooperativa. O assentado justifica que, a Coopavil oferece melhores condições de atendimento aos assentados (assistência técnica e suprimentos para a produção, por exemplo) e, não lutou pela cooperativa do assentamento, em virtude de conflitos sociais junto aos diretores daquela gestão.

O grande desafio das cooperativas agrícolas é encontrar o equilíbrio entre os interesses econômico, social e político dos seus associados/assentados. Para Fabrini (2002), as dificuldades encontradas na implantação de cooperativas no campo, por sua vez, são devido à cultura da população, que, muitas vezes, não são compatíveis com as práticas de cooperação e de organização coletiva em virtude de uma longa história marcada pela divisão do trabalho e fragmentação dos grupos de assentados.

As organizações coletivas são proposições conflitivas no interior dos assentamentos, onde se presencia várias visões não somente de assentados que não

participam, mas de indivíduos que já participaram como membros, como este relato, que nos chamou a atenção:

Acredito que a cooperativa é uma das melhores formas de fortalecimento dos assentados nos Assentamentos Rurais, mas os diretores precisam ser preparados, porque em alguns casos o diretor esquece que é uma cooperativa e, começa a fazer um grupo e ficar autoritário. A cooperativa precisa ser transparente, para que os cooperados/assentados estejam cientes das ações, pois existe a responsabilidade de todos na participação dos lucros e despesas da cooperativa. Esta transparência é obrigação dos diretores, pois o poder da direção não os permite realizar outras ações (arrogância, acha que pode tudo), que não seja para a união e o fortalecimento dos cooperados na permanência em seus lotes. A transparência é o melhor caminho da cooperativa, porque com isso, os assentados podem beneficiar a produção de leite, participar dos programas sociais governamentais, se tornando mais fácil a comercialização de suas mercadorias e mais organizado seu processo produtivo (assentado SO2, entrevista realizada no dia 03/10/2017, assentamento Santa Olga – grifo nosso).

Esta posição sobre as cooperativas é evidenciada em outros assentamentos do município, como é o caso do Casa Verde, que os assentados revelam que a formação de grupos fechados, contribui para a exclusão dos assentados que não participam e, a desistência dos que participam como sócios na organização, que não concordam com tais relações sociais dentro das cooperativas.

Conflitos na cooperativa do assentamento Santa Olga também são verificados. Está permeado por relações sociais, que buscam unir os objetivos coletivos em frente a tensões internas, como compreender que a mensalidade de uma cooperativa, visa atender as suas necessidades de funcionamento, bem como, manter a organização de suas instalações, que segundo Fabrini (2002), ocorre em virtude da visão diferente de cada trajetória de vida da população dos assentados.

Somente quem é cooperado pode vender suas mercadorias na cooperativa, caso contrário não tem direito. Dentre os desafios da cooperativa relatados pelo seu presidente (assentado SO1), o mais importante é buscar cooperados esclarecidos, que compreendam o objetivo da cooperação de assentados. Este entendimento dos cooperados resulta em melhores condições de comercialização e produção no assentamento, fortalecendo a permanência dos assentados em seus lotes.

Atualmente, a comercialização realizada pela COOPAOLGA está voltada à produção de hortaliças e de leite.

Através de levantamento realizado junto ao departamento de nutrição (Relato do nutricionista responsável o Sr. P. S. D. F., realizado dia 01/08/2018) da prefeitura municipal de Nova Andradina, buscou-se apresentar os valores estimados de produção dos assentamentos rurais do município, que participam do PNAE, segundo os contratos de aquisição de gêneros alimentícios da agricultura familiar para a alimentação escolar. O Quadro 1 nos revela os primeiros momentos do PNAE no município, descrevendo a participação e organização dos assentamentos rurais, criando novas formas de rendimentos para as famílias assentadas que aderem ao programa.

Quadro 1: Valores estimados do PNAE no município de Nova Andradina no período de 2010 a 2018.

PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR - PNAE - NOVA ANDRADINA/MS								
Anos	Assent. Santa Olga	Coopaolga*	Assent.Casa Verde	Assent. Teijin	Assent. São João	Produtores Ivinhema	Agricultores Familiares**	Cooperams
2010	14.799,40	0,00	1.745,38	0,00	0,00	0,00	694,20	0,00
2011	15.373,15	0,00	11.674,74	0,00	0,00	21.371,43	14.818,26	0,00
2012	45.591,15	0,00	19.589,25	9.162,40	0,00	8.998,70	0,00	0,00
2013	0,00	134.695,13	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
2014	0,00	106.310,60	0,00	0,00	0,00	57.876,60	0,00	0,00
2015	0,00	182.850,76	0,00	0,00	0,00	177.873,97	0,00	0,00
2016	0,00	454.054,94	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	12.508,00
2017	0,00	616.087,77	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
2018***	0,00	273.792,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Total =>	75.763,70	1.767.791,20	33.009,37	9.162,40	0,00	266.120,70	15.512,46	12.508,00

*A partir do ano de 2013 os assentamentos Santa Olga, Teijin e Casa Verde passaram a entregar os produtos em nome da COOPAOLGA.

**São camponeses que não são assentados (sitiantes do município de Nova Andradina).

***Valores estimados na primeira chamada pública do ano de 2018.

Fonte: Departamento de nutrição da prefeitura de Nova Andradina (PMNA, 2018).

Segundo o nutricionista responsável da prefeitura de Nova Andradina, o início da implantação do PNAE no município ocorreu de maneira lenta, pois, nem mesmo os assentados tinham conhecimento sob tais políticas. Verificou-se que a produção dos assentamentos que participam do PNAE cresce, e mais assentados aderem na entrega de alimentos, um dos motivos, é o contrato de venda garantida dos produtos. Porém, nos anos de 2014 e 2015 notou-se uma redução nos valores estimados de produção, que pode ter ocorrida em virtude de políticas de governo municipal daquela gestão. O que nos chama atenção é a não participação do assentamento São João ao programa, pois segundo o nutricionista, uma das maiores dificuldades é a distância, porém, nunca participou de chamada pública.

Foram quase 2 milhões de reais repassados aos assentamentos do município desde a criação do PNAE. Isso mostra a importância dos assentamentos e da produção das famílias assentadas, fazendo com que o dinheiro circule dentro do município, movimentando a economia local. Entre os produtos disponibilizados no PNAE estão: leite, mandioca, milho verde, banana, abacaxi, alface, hortelã, rúcula, tomate, salsinha, melância, cebola, bata doce, goiaba, limão, mamão, maracujá, enfim, entre outros produtos produzidos nos assentamentos, gerando renda aos assentados e suas famílias, e acima de tudo, produzindo alimentos de qualidade aos alunos da rede pública do município de Nova Andradina.

As cooperativas e associações são ambientes que exercem grande poder no processo organizativo dos assentamentos, pois, são estas organizações que permitem acesso a programas de vendas de alimentos, aquisição de insumos e equipamentos agrícolas, unindo as forças dos assentados em um único objetivo, o fortalecimento e a permanência das pessoas no campo.

Dentro da COOPAOLGA, especialmente em suas atividades de produção e de comercialização de seus produtos, os assentados estão expostos às relações de poder que permeiam os assentamentos rurais, evidenciadas nos mais diversos eventos dentro desta fração de território. As relações existenciais descritas por Raffestin (1993) são evidenciadas, desde o período de acampamento, a entrada no lote, sua permanência e produção, e ainda, nas organizações sociais instaladas dentro dos assentamentos. No que diz respeito ao cargo de direção das cooperativas agrícolas nos assentamentos foi possível compreender com o relato do assentado

SO2 (assentamento Santa Olga) o seguinte entendimento sobre o poder de comando que este cargo exerce:

Precisa primeiramente nos assentamentos rurais preparar os futuros diretores, para que possam estar preparados em dirigir e organizar as cooperativas e associações de assentados. Muitos assentados se iludem com o poder da posição provisória do cargo na entidade, e acha que pode tudo, e não é bem assim. Como em qualquer instituição, seja em cooperativa, sindicato, associação, enfim, desde que você pegou um poder e começa a ficar arrogante, pode provocar conflitos com a coletividade, perdendo a força da união dos assentados. O poder na mão das pessoas pode provocar grandes rupturas sociais nas organizações coletivas dentro dos assentamentos rurais. (grifo nosso).

A relação de poder que se estabelece na condição de presidente, diretor, fiscal e/ou qualquer outro cargo em uma organização social nos assentamentos rurais, é algo transitório, de momento de mandato, sem aval de propriedade. O poder na mão e o pode tudo que se refere o assentado, deve possuir o propósito de fortalecer e criar condições de fortalecimento dos assentados no campo. Ao passo que esta condição converte-se em ações para fins individuais e/ou de grupos ligados aos mesmos, fomenta a discórdia entre os assentados, tornando a luta pelo acesso à terra, semelhante ao capitalismo que os instituiu como sem terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinâmica do cooperativismo em um Assentamento Rural se encontra em um campo imenso de relações sociais, sobretudo na vivência territorial dos assentados. O entendimento das cooperativas agrícolas segue além dos objetivos pré-estabelecidos de organização do cooperativismo, mas a compreensão dos assentados em unir-se em prol de sua produção e da comercialização de seus produtos. Palavras de ordem, como transparência, diretores preparados, assentados esclarecidos com a cooperação retratam como as experiências vividas dos assentados podem conduzir a formação e a continuidade da cooperativa, como também a sua destituição como organização coletiva no Assentamento.

As cooperativas agrícolas possuem várias situações conflitantes no campo brasileiro. Quando abrimos o questionamento dentro do território dos Assentamentos

Rurais, isso provoca inúmeras revelações, percorridas em dimensões distintas em cada Assentamento. O município de Nova Andradina em seus quatro projetos de assentamentos, foram encontrados apenas uma cooperativa em funcionamento, a COOPAOLGA, localizada no assentamento Santa Olga. Os assentamentos Casa Verde, Teijin e São João não possuem cooperativas. Dentre os três assentamentos que não possuem cooperativas instaladas e funcionando, o Casa Verde já fora instalado uma cooperativa agrícola, porém, por várias circunstâncias, como ingerência, falta de união e desconfiança dos assentados, encerrou suas atividades. Segundo os assentados do assentamento Teijin existe uma proposta de cooperativa em andamento e, o São João possui apenas uma associação.

Compreender as ações realizadas pela cooperativa, sem prévios julgamentos, com o objetivo de atender as necessidades de seus envolvidos, em meio a um mercado que lança os assentados a se organizarem em seu espaço de produção, os programas de venda de alimentos, como o PNAE, contribuem para o estabelecimento e funcionamento das cooperativas agrícolas nos assentamentos. Esta alternativa é ressaltada pelos assentados do assentamento Santa Olga, que por meio da COOPAOLGA, garantem a venda de produtos e formam novas fontes de renda aos assentados cooperados, proporcionando maiores condições de luta por sua permanência na terra. Cooperar nos Assentamentos Rurais é a contribuição diária que o assentado realiza ao bem comum de seus vizinhos.

A relação conflitante das cooperativas agrícolas dentro dos assentamentos de Nova Andradina, evidenciada pelas relações sociais entre assentados e os dirigentes de cooperativas, provoca migrações de assentados em busca de cooperação em outros assentamentos do município, como é o caso da COOPAOLGA, que recebe cooperados dos assentamentos Teijin, Casa Verde e até do município de Ivinhema. Além desta migração, a qual os assentados realizam para melhorar a venda de seus produtos e garantir novas fontes de renda no lote, existem assentados que não participam de cooperativas em seu assentamento, mas, participam de cooperativas externas, como é o caso dos assentados cooperados na Coopavil, que é justificada pela assistência na aquisição de suprimentos e na comercialização da produção de leite da propriedade.

Portanto, o cooperativismo agrícola nos assentamentos rurais, está irrigado por diversas trajetórias de vida na terra pelos assentados, como as relações sociais e de poder permeadas em seus assentamentos, e ainda, o preparo de seus dirigentes na administração das cooperativas. As cooperativas nos assentamentos são uma aliança de pessoas com o propósito não somente da produção, mas, sobretudo, de unir forças de pequenos produtores, em função de sua sobrevivência, resgatando e recriando suas culturas camponesas. Esta participação busca fortalecer o assentado em seu lote, com a geração de renda e, contribuindo para sua permanência na terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 236p.
- CARNEIRO, M. J. **Camponeses, agricultores e pluriatividade**. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 1998.
- CARVALHO, H. M. de. **Formas de associativismo vivenciadas pelos trabalhadores rurais nas áreas oficiais de reforma agrária no Brasil**. NEAD, Curitiba/PR, 1998.
- CARVALHO, H. M. de. **Causas Estruturais da Crise de Identidade dos Pequenos Produtores Rurais Familiares**. Curitiba/PR, 22/11/2000.
- CONCRAB, Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil. Sistema cooperativista dos assentados. **Caderno de Cooperação Agrícola**, nº 5. São Paulo: Concrab/MST, 1997.
- FABRINI, J. E. O projeto do MST de desenvolvimento territorial dos assentamentos e campesinato. **Terra Livre**, ano 18, nº 19, p. 75-94, 2002.
- FABRINI, J. E. **A resistência camponesa nos assentamentos de sem-terra**. Edunioeste, 2003.
- FABRINI, J. E.; ROOS, D. **Conflitos territoriais entre o campesinato e o agronegócio latifundiário**. 1ª ed. São Paulo, Outras Expressões, 2014.
- FERNANDES, B. M. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Painel dos Assentamentos**. Superintendência Regional Mato Grosso do Sul – SR 16. Todos os

assentamentos, 2018. Disponível em: <<http://painel.incra.gov.br/sistemas/index.php>>
Acesso em: 02 ago. 2018.

KAUTSKY, K. **A questão agrária**: a evolução da agricultura na sociedade capitalista. Portucalense, 1972.

LACERDA, A. G. D.; MALAGODI, E. Formas de cooperação e reforma agrária. **Raízes**, v. 26, n. 1, p. 93-100, jan./dez. 2007.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21^a ed., Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

MOREIRA, F. G. **Sucessão da gestão na agricultura familiar**: um estudo de caso no assentamento Santa Olga no município de Nova Andradina em Mato Grosso do Sul. Dissertação de Mestrado, Dourados/MS: UFGD, 2014.

MST, Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. A cooperação agrícola nos assentamentos. **Caderno de Formação**, nº 20. São Paulo: MST, 1993b.

MST, **Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. Disponível em: <<http://mst.org.br>>. Acesso em: 05 set. 2017.

PMNA, **Prefeitura Municipal de Nova Andradina**. Prefeitura de Nova Andradina entrega patrulha mecanizada para produtores do Teijin, 2018. Disponível em: <<https://www.pmna.ms.gov.br/noticias/desenvolvimento-integrado/prefeitura-de-nova-andradina-entrega-patrulha-mecanizada-para-produtores-do-teijin>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. In: **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Vozes, 2014.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIOS, G. S. L. Cooperação e tipos de cooperativismo no Brasil. In: **VII Congresso Latino-americano de Sociologia Rural, Quito**. 2006.

RIOS, G. S. L. **O que é cooperativismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SCHNEIDER, J. E. O cooperativismo agrícola na dinâmica social do desenvolvimento periférico dependente: o caso brasileiro. In: LOUREIRO, Maria Rita Garcia (org). **Cooperativas agrícolas e capitalismo no Brasil**. São Paulo, Cortez, 1981. pp. 11-40.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Recebido em: 24/03/2019

Publicado em: 31/05/2019